

Somos todos masoquistas?

Rúbia de Cássia Oliveira¹

O título da novela do escritor russo Fiodor Dostoiévski, *Uma história lamentável*, designa com perfeição o que presenciamos recentemente: a trágica história de uma criança que, não bastasse a violência a que foi exposta, virou, desde sua morte, o espetáculo favorito dos brasileiros. Essa história parece ter provocado nos brasileiros dois sentimentos opostos: por um lado, o sofrimento solidário com a dor da pequena Isabela e a indignação com tão humana crueldade e, por outro, um aparente prazer em assistir à repetida exploração na mídia dos detalhes do crime. Não fosse isso, o que explicaria os tão elevados índices de audiência do caso? Das duas uma: ou reconhecemos a ambivalência da natureza e dos sentimentos humanos, ou nos resta crer que somos todos masoquistas.

Que a indústria cultural manipula a reação das pessoas é inegável. Em 1947 Max Horkheimer e Theodor Adorno já haviam assinalado o caráter repressivo da indústria cultural, que determina o que devemos sentir, desejar etc. Contudo, o que está em questão é que *as pessoas parecem se comprazer com tamanhas atrocidades*; somos capazes de sentir prazer com a exposição do sofrimento alheio, mesmo quando o sofredor é alguém frágil e inocente.

O leitor familiarizado com a psicanálise não achará estranha essa idéia. Em seu livro *O mal-estar na civilização* (1974a), Freud nos apresenta sua formulação final da teoria dos instintos. De acordo com ele somos todos movidos por duas forças opostas, concorrentes e auto-subsistentes: as pulsões de vida e o instinto de morte, Eros e Tanatos. É como se tivéssemos dentro de nós uma *usina* geradora desses instintos e pulsões, cuja característica básica é que expressam *necessidades*, portanto, demandam satisfação. Se amar é uma necessidade humana, agredir e destruir – ou assistir cenas de agressão e destruição – também são. O que ocorre é que a civilização incumbe-se de frear, reprimir ou impor a renúncia aos impulsos destrutivos que lhe são contrários. E como faz isso?

¹ Psicóloga, coordenadora do NECASA/PROEC/UFG e docente na UEG.

Primeiramente, através das leis. Mas as leis, embora controlem a força destrutiva, não põem fim à agressividade. No início da década de 1930, sob as agruras da Segunda Guerra Mundial, Albert Einstein escreveu a Freud questionando-lhe as razões psicológicas de a humanidade recorrer à guerra na hora de resolver seus conflitos. Indagava-lhe como explicar que uma humanidade civilizada fosse, contraditoriamente, sangrenta e primitiva. Einstein questionou: “É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?” (FREUD, 1974b, p.243).

Em resposta, Freud escreveu-lhe um texto, posteriormente publicado com o título *Por que a guerra?*, no qual aborda a existência de forças psicológicas conflitantes e a impossibilidade de o homem se tornar imune à destrutividade. Argumenta que as leis, recurso máximo da civilização contra a violência, institucionalizam a própria violência. Em resposta à relação estabelecida por Einstein entre direito e poder, Freud lhe diz: “permita-me substituir a palavra ‘poder’ pela palavra mais nua e crua ‘violência’?” (FREUD, 1974b, *op. cit.*, p. 246).

Além de contraditórias, as leis não alcançam as formas mais sutis de manifestação da agressividade: uma lei pode proibir a mãe de espancar seu filho, mas não a impede de olhar para ele com ódio ou de lhe falar com desprezo. Pode proibir um “branco perfeito” de manifestar sua rejeição a um negro ou deficiente, mas não de olhá-los com desdém.

Para Freud, o instinto agressivo é onipresente. Eros e Tanatos estão *sempre* juntos e mesclam-se em variadas proporções – ora predomina um, ora predomina outro. Se a libido – energia proveniente dos instintos de vida – está em toda parte, a agressividade e o instinto de morte também estão. Quem concordar com essa tese não se surpreenderá com a ambivalência dos nossos sentimentos nem com o lado sombrio de nossa natureza. Contudo, se somos assim, o que torna possível a vida em sociedade?

O segundo recurso encontrado pela civilização foi, através da repressão, tornar inofensiva – até certo ponto – a agressividade. O impulso reprimido é enviado de volta para o lugar de onde proveio. Por medo de perder o amor e a proteção do nosso objeto de amor, “escolhemos” internalizar nossa agressividade. Assim, temos duas alternativas: descarregar o instinto agressivo

ou introjetá-lo. No primeiro caso o instinto é satisfeito; no segundo, é domesticado e satisfaz-se parcialmente fazendo o próprio ego sofrer, visto ter sido descarregado contra este. A essa tensão, Freud chamou ansiedade, uma espécie de punição imposta ao ego pelo superego, um sentimento de culpa, um *mal-estar* que atormenta a civilização.

Contudo, a repressão aos instintos agressivos não os expulsa da mente humana. Apenas cria um lugar inconsciente para eles, mas os mesmos continuam ativos e exigentes. Freudianamente falando, assistir repetidamente, com interesse e curiosidade, ainda que com certo mal-estar, as notícias detalhadas sobre a morte de Isabela, significa dar vazão aos próprios instintos destrutivos, satisfazê-los. A televisão mostrou diversas vezes a reconstituição da cena do crime: por diversas vezes o espectador assistiu às simulações de “asfixia”, de “esganadura” e de lançamento de um corpo de boneca pela janela. Não dá para negar que há uma espécie de identificação dos espectadores com os agressores. Admitir isso, contudo, não deve levar à autocondenação nem ao repúdio à humanidade. Reconhecer que somos feitos dessa matéria é o primeiro passo para enfrentarmos nossa própria agressividade e a violência social sem ilusões e sem hipocrisias. Trata-se de uma realidade à qual a cultura deve oferecer alternativas de sublimação, por mais que a indústria cultural – cuja identificação com a barbárie Adorno e Horkheimer também já demonstraram -, as restrinja.

Já dizia Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, que cada um tem uma dose de demo dentro de si. O gosto geral por cenas violentas é a evidência da existência em nós de poderosos instintos agressivos. Os filmes mais vendidos são os mais violentos. Pouco importa se são ficção ou realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a, v. xxi.
- FREUD, Sigmund. *Por que a guerra?* In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b, v. xxii.